



FORD KA
Um carro revolucionário e de desempenho surpreendente
VEÍCULOS, CAPA

VEJA ATRAS
FILHOTES DE CLONE
Ovelhas clonadas antes de Dolly vão dar cria
PÁGINA 7

CLASSIFICADOS	
TOTAL	14.519
Imóveis:	5.780
Veículos:	5.406
Empregos:	455
Diversos:	2.878

COPA DO BRASIL
TV mostra luta de Flamengo e Inter para ir à semifinal
PÁGINA 28

CORREIO BRAZILIENSE

ÓRGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS. LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

Número 12.407

Brasília, Distrito Federal, quinta-feira, 24 de abril de 1997

EXEMPLAR DE ASSINANTE

Preço: R\$ 1,00

PHR00537

IMPOSTO DE RENDA

Receita Federal sofre nova derrota na Justiça. Agora, para 150 mil advogados. Decisão da 22ª Vara do Tribunal Regional Federal, em São Paulo, permite que eles abatam na declaração do Imposto de Renda todos os gastos que tiveram com educação no ano passado.

PÁGINA 23

ESTABILIDADE

A oposição conseguiu vencer o governo e derrubou na Câmara dos Deputados um dos pontos da reforma administrativa que acabava com estabilidade para futuros servidores públicos

PÁGINA 14

UNIÃO GAY

Grã-Bretanha reconhece direito de homossexual brasileiro voltar ao país e viver com companheiro inglês. Ele havia sido expulso por causa de visto falso.

PÁGINA 6

SEGURANÇA

Governador Mário Covas envia ao presidente Fernando Henrique emenda constitucional que mexe com estrutura das polícias Civil e Militar em todo o país.

PÁGINA 17

CLIENTE DE OURO

Empenhado em ganhar novos clientes, o Banco do Brasil reduz tarifas de cinco serviços, entre eles o da renovação do cheque ouro.

PÁGINA 25

EDUCAÇÃO

Chute para cá, chute para lá. Alunos de escolas particulares levam a melhor nas primeiras provas do PAS, programa que permite entrar na UnB sem vestibular.

CIDADES, PÁGINA 7

ATENDIMENTO

Internet:
<http://www.correiobraziliense.com.br>
CLASSIFICADOS: AO LEITOR:
342-1000 342-1166
AO ASSINANTE:
342-1111
assinante@cbdata.com.br

Park Way
Sua concessionária Volkswagen
234-9000

COTAÇÕES

DÓLAR		
Comercial:	R\$ 1.0626	(compra)
	R\$ 1.0632	(venda)
Paralelo:	R\$ 1.110	(compra)
	R\$ 1.135	(venda)
Turismo:	R\$ 1.0500	(compra)
	R\$ 1.0800	(venda)
Poupança	1,0616%	(dia 24)
TBF	1,6706%	(dia 22)
UIR	R\$ 0,9108	
Salário Mínimo:	R\$ 112,00	

Página 22

UMA NOTA DE UM REAL, UMA MOEDINHA DE DEZ CENTAVOS, OUTRA DE CINCO E MAIS CINCO DE UM CENTAVO: OS ASSASSINOS SÓ PRECISARAM TIRAR DO BOLSO R\$ 1,20 PARA QUEIMAR VIVO O ÍNDIO PATAXÓ. POR UMA FRESTA IMPROVISADA COM PAPELÃO, O FRENTISTA ADAILTO RIBEIRO RECONHECEU ONTEM ANTONIO NOVELY: FOI O RAPAZ QUE NA MADRUGADA DE DOMINGO DESCEU DO MONZA PARA COMPRAR DOIS LITROS DE ÁLCOOL. OS MÉDICOS QUE ATENDERAM O ÍNDIO DUVIDAM DAS TESES DE DEFESA: PARA ELES, GALDINO NÃO USAVA COBERTOR E TEVE O CORPO TODO – E NÃO APENAS OS PÉS – ENCHARCADO DE ÁLCOOL. UM LITRO DE ÁLCOOL, PELO MENOS. O ÍNDIO SANGRAVA E JÁ NÃO TINHA PELE. A MORTE, DIZ UM DOS MÉDICOS, FOI UM DESCANSO PARA ELE.

UM LITRO DE ÁLCOOL PARA MATAR GALDINO



O frentista Adailto Ribeiro reconhece um dos rapazes que compraram os dois litros de álcool e incendiaram o pataxó. "A morte foi um descanso para ele", disse um médico que atendeu o índio

ÍNDIOS DISPOSTOS A MORRER PELA TERRA

O governo tinha um problema com as invasões dos sem-terra. Agora tem dois. Índios pataxós ocuparam ontem complexo formado por cinco fazendas no sul da Bahia. Apesar de não usarem de violência, fizeram reféns o

presidente da Funai, Júlio Gaiger, e o deputado federal Alcides Modesto (PT-BA). Trinta jornalistas, entre eles o repórter Luiz Alberto Weber, do **Correio Braziliense**, também foram detidos durante três horas. Todos se encontravam

na região para acompanhar o encontro do índio Galdino e o encontro de Gaiger com os indígenas. As terras onde se localizam as fazendas pertenciam aos pataxós e faz 15 anos que eles reivindicam a posse da área na Justiça. Em

Mato Grosso do Sul, outra invasão indígena. Oitenta guaranicaióvas ocuparam 500 hectares da fazenda Alegria, no município de Maracaju, a 70 quilômetros de Campo Grande, e afirmam que só deixarão o local se forem mor-

tos. Em Brasília, domingo, jovens vão fazer um protesto em frente à parada de ônibus em que Galdino foi queimado vivo na 503/504 Sul.

ÚLTIMAS

EDITOR: Cláudio Praxedes TELEFONE: (061) 342-1104/1107 FAX: (061) 342-1155

Índio Galdino ganha memorial

Cristovam Buarque acerta com o artista Siron Franco a construção de mosaico para que o crime não seja esquecido

A parada de ônibus da entre-quadra 503/504, na W3-Sul, onde o índio Pataxó Galdino Jesus dos Santos foi assassinado por cinco jovens da classe média de Brasília, vai ganhar um memorial dentro de 15 dias para que a barbárie cometida não seja esquecida pelos brasilienses.

O artista plástico goiano Siron Franco acertou, ontem à noite, com o governador Cristovam Buarque, que um mosaico de mármore branco e preto, da Bahia, será construído em tempo recorde, com o Governo do Distrito Federal entrando apenas com o cimento e o pessoal para auxiliar nos trabalhos de Siron Franco.

"Meu trabalho é feito sobre a indignação. E todos nós, como cidadãos, temos que mostrar que não compactuamos com uma violência como a que foi cometida contra o índio Pataxó", antecipou Siron Franco, criticando a barbaridade cometida pelos jovens de Brasília contra o índio que dormia na parada de ônibus.

Siron Franco deixou claro que seu trabalho será uma doação à cidade para que todos os que passarem pela parada de ônibus lembrem a barbárie cometida, garantindo que não sei-

ria coragem de cobrar por um trabalho que servirá para mostrar às futuras gerações o repúdio do povo de Brasília à violência.

"Esse crime me deixou perplexo e o que queremos é não deixar que caia no esquecimento, como ocorre no Brasil com muita frequência, após atos de violência", afirmou o renomado artista goiano.

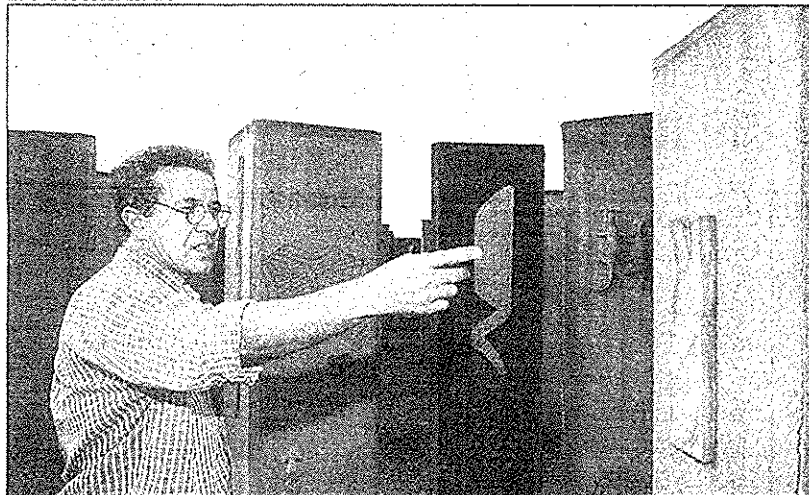
Ainda ontem, logo após acertar os detalhes do mosaico com o governador Cristovam Buarque, Siron Franco ligou para a Bahia a fim de encomendar as pedras de mármore — de 2 a 3 centímetros quadrados — que serão utilizadas no memorial, que vai perpetuar no cenário brasileiro um dos mais hediondos crimes cometidos na capital da República nos últimos anos.

SELIGMAN

O ministro interino da Justiça, Milton Seligman, recebeu ontem à noite um telefonema do presidente da Funai, Júlio Geiger, informando-o que estava bem, liberado e que voltaria hoje de manhã para Brasília.

Curiosamente, Geiger levou para a reserva o livro que está lendo: *Notícia de um Seqüestro*, de Gabriel Garcia Marquez. "Isso prova que se não sei-

Zuleika de Souza 25.1.96



Siron Franco: "Meu trabalho é feito sobre a indignação e contra a violência"

sempre para onde estou indo, pelo menos tenho uma intuição" disse ele, negando o seqüestro e garantindo que só não saiu antes da reserva indígena porque não quis. Sem roupa extra, Geiger passou a noite com a calça e os sapatos enlameados.

"Ele tentou enganar a comunidade e por isso foi preso mesmo. Não confiamos mais no presidente da Funai", deixou claro o líder Gerson Pataxó, que ontem estava em Brasília. Segundo Gerson, 13 líderes pataxós já foram assassinados por pistoleiros nos últimos anos e a Funai nada fez.

Já na noite de terça-feira, Geiger recebeu um recado duro: "Queremos solução para a questão de nossas terras", anunciou o cacique Wilson de Jesus.

Naquele momento, Geiger soube que não estaria presente na reunião marcada para ontem, no Ministério da Justiça, para tratar de problemas indígenas no Maranhão. Só não sabia que se tornaria hóspede forçado dos pataxós.

Mesmo impedido de sair da aldeia, Geiger negava sua condição de refém e tentava agir naturalmente. Ainda antes da primeira reunião com os pataxós, visitou o túmulo de Galdino, enfeitado por dezenas de velas, flores e uma bandeira deixada por integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que acompanharam o enterro.

■ Mais sobre índio nas páginas 9 a 11 e Cidades, capa e páginas 2 a 6



FALE COM A GENTE
342-1180
342-1181

CIDADES

EDUCAÇÃO

NOTAS BAIXAS NÃO SURPREENDEM COORDENADORES DO PROGRAMA AVALIAÇÃO SERIADA

7

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quinta-feira, 24 de abril de 1997

Pelo menos um litro de álcool foi jogado sobre o corpo de Galdino. E ele estava apenas com calça jeans e camisa

ÍNDIO ESTAVA DESCOBERTO

Igor Germano e Luiz Gustavo Rabelo
Da equipe do Correio

A versão de que o índio Galdino estava enrolado em um cobertor quando foi atacado no ponto de ônibus é falsa, segundo informou a médica Maria Célia Bispo, da Unidade de Queimados do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). Ela estava de plantão na madrugada do incidente, conversou com Galdino e acompanhou o caso de perto. Segundo Maria Célia — que trabalha há dez anos no HRAN e também é médica legista do IML de Goiânia — o índio não estava bêbado, conseguia falar e reclamava de dores quando chegou ao hospital.



“Derramaram pelo menos um litro de líquido inflamável sobre o corpo de Galdino”, garantiu Maria Célia. “É bem provável que tenha sido álcool combustível e que tenha sido jogado sobre o corpo todo porque o fogo se espalhou de uma vez.”

Assim que chegou ao pronto-socorro do hospital, as roupas de Galdino foram retiradas. “Os funcionários do pronto-socorro disseram que havia apenas alguns pedaços de calça jeans no corpo do paciente.”, disse Maria Célia. “Não havia nenhum indício de tecido de cobertor. A camisa virou pó e o tecido não grudou na pele ao ser queimado”. O tecido parece não ter sido a causa principal da propagação do fogo. “Tecidos sintéticos costumam grudar no corpo do paciente quando queimados”, explica o diretor do Instituto Médico Legal de Brasília, Eduardo Reis.

Segundo Maria Célia, o índio chegou muito abalado ao hospital. “A primeira coisa que investigamos nes-

ses casos é o estado do paciente. Galdino não estava bêbado. Falava normalmente”, garantiu. “Ele disse que quando acordou já estava pegando fogo. Pensou que alguém houvesse parado e arremessado o fogo de um carro. Ao ser atendido, ele gritava: ‘gente, gente, me ajuda que está doendo’. O choque emocional foi muito grande”

Baseada na informação de Galdino, Maria Célia registrou no prontuário que ele havia sido vítima de um coquetel molotov. “Depois, com os novos dados que chegaram, corrigimos a ficha”, explicou a médica. Enquanto estava consciente, Galdino disse aos médicos que se perdera na cidade e andara até encontrar um lugar para dormir, por volta das três horas da manhã. “Ele falava muito bem o português, era muito educado e chamou o nome dos companheiros.”

COBERTOR

Segundo Valmir Carvalho, delegado que preside o inquérito que investiga a morte de Galdino, a versão de que o índio usava um cobertor enquanto dormia surgiu no depoimento que os adolescentes prestaram na delegacia no dia do crime.

Carvalho sustenta que o cobertor pode ser uma espécie de trunfo para a defesa. “O cobertor justifica o fato de eles não terem visto que a vítima era um índio e, ao mesmo tempo, reforça a tese de que eles jogaram álcool apenas nas pernas de Galdino.”

Os peritos do Instituto de Criminalística da Polícia Civil do Distrito Federal que estiveram na parada de ônibus logo depois do crime afirmaram não ter encontrado nenhum vestígio de cobertor no local. Encontraram apenas pedaços de calça jeans e pe-

Zuleika de Souza



O frentista Adailto Ribeiro reconheceu um dos garotos que compraram dois litros de álcool no posto de combustível antes de atearam fogo no índio

quenos fragmentos de um tecido xadrez, provavelmente da roupa usada por Galdino.

Um agente da 1ª Delegacia de Polícia afirmou que um dos companheiros de Galdino, o índio conhecido como Adão afirmou que o uso de cobertores não é uma característica da cultura pataxó.

A dona da pensão onde Galdino estava hospedado, Vera Moretti, disse, no depoimento que prestou à polícia, que o índio não foi impedido

de entrar na pensão. Ela afirmou que ele provavelmente não quis entrar na pensão ou se perdeu. “Mesmo com dores, Galdino disse que havia se perdido pela cidade e por isso foi dormir na parada de ônibus”, disse a médica Maria Célia. Vera ainda contou que o grupo de pataxós que acompanhava Galdino saiu pelas ruas à procura dele, mas não conseguiu encontrá-lo.

■ Continue lendo nas páginas 2, 3, 4, 5 e 6

QUEIMADURA

Médico diz que álcool foi espalhado por todo o corpo

Beth Veloso
Da equipe do Correio

A morte foi um descanso para o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. As palavras são do médico que assistiu os últimos minutos de vida do índio queimado vivo na capital da República. Há 10 anos no setor de queimados do Hospital Regional da Asa Norte, o cardiologista Paulo César Maciel de Moraes não acredita na versão dos acusados de que "teriam colocado fogo nos pés do índio para dar um susto".

Os cinco garotos disseram na polícia que não tinham intenção de matar Galdino. Sem fazer julgamento de valor, o médico acredita que o índio não foi alvo apenas de uma agressão localizada. "A queimadura era quase toda ela de terceiro grau. Ou a pessoa estava vestida com um material altamente inflamável, o que eu acho que não era o caso do índio, ou deve ter sido colocada uma grande quantidade do produto, não só no pé. Não precisa nem ser médico para deduzir que é isso", disse.

O médico iniciou o plantão às 19h de domingo e fez tudo o que estava a seu alcance para tentar salvar o paciente. Em vão. Por volta das 02h00, assinaria o pedido de necropsia dirigido ao Instituto Médico Legal.

Paulo César disse que jamais viu um estado de queimadura tão grave. Segundo ele, mesmo que estivesse com roupas sintéticas, o índio não teria sofrido lesões de terceiro grau em 85% do corpo. "Atendemos pessoas em que parte da roupa fica preservada. Elas se queimam e uma determinada parte fica mantida. Como ele tinha queimadura em quase todo o corpo, isso leva a crer que os ferimentos não foram provocados porque ele estava coberto e pegou fogo num lençol. Ele se levantaria", sustenta.

O médico também não descarta a possibilidade do corpo do índio ter sido *encharcado*. "O que chamava a atenção é a extensão da queimadura e a rapidez com que ela se alastrou. Possivelmente foi colocado uma quantidade considerável daquele agente."

Embora tenha chegado lúcido, o índio passou a maior parte do tempo sedado no hospital. Os remédios serviam para aliviar a dor e para manter a respiração artificial. Segundo o médico, o estado de saúde dele era gravíssimo. Os rins não funcionavam e a pressão estava baixa. Além da hemorragia, ele sangrava pelo nariz, pela boca e por outras partes do corpo. E estava esteticamente deformado.

"Eu não vi as queimaduras porque ele já estava com curativo e não havia razão para trocar as ataduras. Ele praticamente estava sem pele, toda a pele era tecido morto. Normalmente, nesses casos, é feito cirurgia para substituir a pele com um auto-enxerto, mas praticamente não tinha pele para isso. Ele fatalmente não sobreviveria", afirmou.

Ironicamente, a gravidade dos ferimentos até amenizava o sofrimento. "Não é muito doloroso porque a pessoa perde totalmente a sensibilidade. Mas na hora ela deve sentir uma angústia muito grande e uma dor muito grande" explicou o médico.

O médico não conseguiu identificar qual o produto utilizado para incendiar o índio, mas acha que algumas provas foram desperdiçadas pela polícia. "No outro dia, quando sai do plantão, passei pela W3 por volta das 8h00 e ainda permanecia lá a sandália do índio. Ali poderia ter alguma pista do produto. Mas a sandália ainda estava lá, junto com restos de queimado", observou.

Apesar de conviver com a dor e o sofrimento, Paulo César conta que ficou abalado com a tragédia. "É triste ver que o ser humano está se degradando. Não valorizar a vida humana ao ponto de a pessoa dizer que pensava que fosse um mendigo? Também é uma vida humana. Normalmente se justifica com a questão social, dizendo que é delinqüente, mas essas pessoas não tem isso", analisa.

Até hoje, o cardiologista não tem uma explicação. "A gente fica imaginando porque ocorre isso. Se você tem tudo na vida, não tem o que buscar. Tem 19 anos, tem carro, uma situação, vai buscar o quê?", questiona.

Pobre, sem status social e com um passado de lutas, o índio tinha uma trajetória diferente, que foi interrompida, restando-lhe uma única alternativa: a morte. "Se ele fosse queimado e não morresse, ficaria com marcas, dores e deformidades", lamenta.

Jovens fazem protesto no domingo

Ponto de ônibus onde ocorreu o crime será grafitado, haverá aula de Tai-Chi-Chuan e cantores, músicos e atores se apresentarão

Flávia Sanches
Especial para o Correio

"Eu, fiquei indignado, ele, ficou indignado, indignação, indignação...". diz a letra de uma música do

Skank. E é assim que os jovens de Brasília estão se sentindo com o caso do índio pataxó, Galdino de Jesus Santos, morto na última segunda.

Vinte e um jovens, entre 18 e 19 anos, juntamente com o Governo do

Distrito Federal, estão organizando um protesto, domingo, no local do crime (703/704 Sul) contra o ato desses cinco rapazes.

"O ato será uma forma de mostrar que a juventude de Brasília repudia a atitude desses cinco garotos e que eles são exceção. A maioria dos jovens de Brasília não é assim.", disse Rodrigo Rollemberg, secretário de Cultura, que está organizando o evento.

Logo cedo, professores de Tai-Chi-Chuan estarão ensinando a turma a

praticar esse exercício milenar de meditação e relaxamento. Grafitadores da cidade pintarão a parada de ônibus e o coreto da praça que fica logo atrás. Num ato simbólico pela paz e pela solidariedade, uma pomba gigante será moldada no chão da praça. Os participantes gravarão suas mãos no cimento no meio da pomba.

"Não concordo com um promotor que disse à rádio CBN que é típico do adolescente de Brasília fazer esses atos violentos. Nada justifica os cinco terem tirado a vida de uma pessoa. Foi uma crueldade o que fizeram", disse o estudante de comunicação André Vilarim Muniz, 22 anos.

Às 10h, um culto ecumênico será realizado. Artistas estarão presentes e, depois do culto, farão uma apresenta-



ção em protesto contra a violência. Entre eles estarão Hélio Rocha, gaitista, Toninho Alves, flautista, e Anselmo Alves e banda. Célia Porto, cantará músicas do Legião Urbana.

"Estaremos manifestando porque estamos indignados com a violência e queremos mostrar que os adolescentes de Brasília não são violentos. Foi uma exceção", declarou Manuela Souza, 16 anos, estudante.

Duas mães que tiveram seus filhos marcados pela violência darão apoio ao protesto. Gloria Perez, mãe de Daniela Perez, morta em 1992 a tesouradas no Rio de Janeiro, e Valéria Velasco, mãe de Marco Antônio Velasco, morto em 1993 a ponta-pés em Brasília.

Frentista reconhece assassino

Adailto Ribeiro, que vendeu dois litros de álcool para o grupo, confirma participação de Novely. Delegado recebe ameaças de morte

Luiz Gustavo Rabelo e Luiz Roberto Fernandes
Da equipe do Correio

O delegado-chefe da 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), Valmir Carvalho, que preside o inquérito que investiga a morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, 44 anos, afirmou ontem que não acredita que os jovens premeditaram o crime. O delegado vem recebendo ligações telefônicas, registradas pelo Bina. Um homem o ameaça de "acabar igual ao índio".

"Não houve premeditação. Os garotos só compraram o álcool no posto de gasolina depois que viram o mendigo dormindo na parada de ônibus. Só teriam premeditado se tivessem combinado o crime com antecedência", explicou o delegado, que indiciou os quatro jovens por homicídio qualificado e corrupção de menores.

Segundo Valmir, depois das declarações prestadas pelo frentista Adailto Ribeiro da Silva, 24 anos, não há mais dúvidas sobre como foi realizada a ação que resultou a morte de Galdino.

Adailto prestou depoimento durante a manhã na Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA), na 203/204 Norte. Frentista do posto Cascol, na quadra 406 Sul, ele afirmou ter vendido dois litros de álcool ao grupo de jovens que ateou fogo no índio Galdino.

Adailto trabalha durante a parte da manhã no posto. Este mês, passou a trabalhar à noite para cobrir as férias de um colega. Conta que na madrugada de domingo, entre 3h e 3h30, um Monza de cor escura parou ao lado de uma bomba de gasolina do posto.

Cinco rapazes desceram do carro. Um deles disse a Adailto que queria comprar álcool para colocar num Gol que estava parado próximo dali sem combustível. Alegaram que não tinham recipiente para levar o álcool.

O frentista sugeriu que buscassem recipientes vazios numa lata de lixo e os garotos voltaram com dois vasilhames de plástico do óleo lubrificante Lubrax SJ. Adailto sugeriu que eles lavassem os vasilhames.

O grupo concordou com o frentista e lavou os vasilhames num tambor com água e sabão, usado para fazer a limpeza de pára-brisas de carros. Depois de lavados, os dois recipientes foram enchidos com álcool. Adailto recorda-se que os dois litros do combustível — que custaram R\$ 1,20 — foram pagos com uma nota de um real, uma moeda de dez centavos, ou-

tra de cinco e mais cinco moedas de um centavo.

Ao deixarem o posto, os jovens disseram a Adailto que voltariam ali para terminar o abastecimento do Gol. Não retornaram mais. No domingo à noite, enquanto assistia ao *Fantástico*, Adailto viu a reportagem sobre a morte do índio pataxó.

As imagens da televisão mostravam os cinco adolescentes presos na delegacia. Adailto reparou que um dos garotos, o único que estava com o rosto descoberto, era o mesmo que integrava o grupo que comprou o álcool no posto. "Fiquei pensando se eles usaram o álcool para fazer aquilo com o índio", contou. Adailto chegou a comentar o episódio com o gerente do posto onde trabalha, mas ficou com receio de ir à polícia.

Na noite de terça-feira, ele recebeu uma intimação para ir à DCA para prestar depoimento. Seguindo as informações do menor G.A.J., 17 anos, que também fazia parte do grupo que ateou fogo em Galdino, a polícia chegou até Adailto. Convencido por um primo, Adailto foi à DCA na manhã de ontem prestar depoimento. No final da tarde, esteve no Núcleo de Custódia de Brasília (NCB) para fazer o reconhecimento formal de quatro dos cinco jovens acusados do crime: Max Rogério Alves, 19 anos, Antônio Novely Cardoso Vilanova, 19, Tomas Oliveira Almeida, 18, e Eron Chaves Oliveira, 19.

O frentista só reconheceu um dos acusados. Por uma fresta, improvisada com papelão em uma porta de ferro, Adailto pôde reconhecer Antônio Novely. "O garoto que desceu do Monza para comprar o combustível". Os outros três não foram reconhecidos.

Cada acusado passava pelo reconhecimento com um grupo de três presos que nada tinham a ver com o caso. O grupo de Antônio foi o último. "Ele reconheceu o Antônio, mas não teve certeza dos outros", disse a delegada Sarlly Prado. Segundo Sarlly, o reconhecimento compromete ainda mais a situação dos acusados.

G.A.J., o quinto acusado, está internado (preso) no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje). Ele confirmou a compra do álcool no posto. O menor alegou que foi Eron quem jogou o álcool sobre o índio e disse que a intenção do grupo era apenas dar um susto naquele que pensavam ser um mendigo.

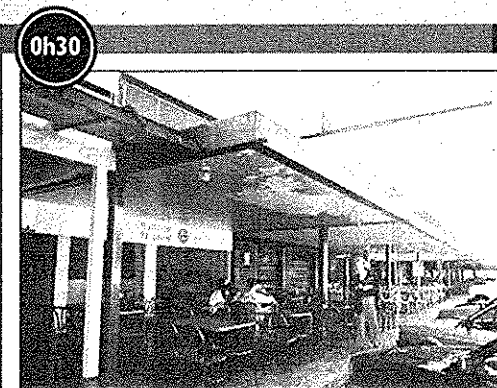
No depoimento que prestou na 1ª DP, Eron afirmou, no entanto, que G.A.J também o ajudou a jogar o álcool sobre Galdino.

Fotos: Aduato Cruz

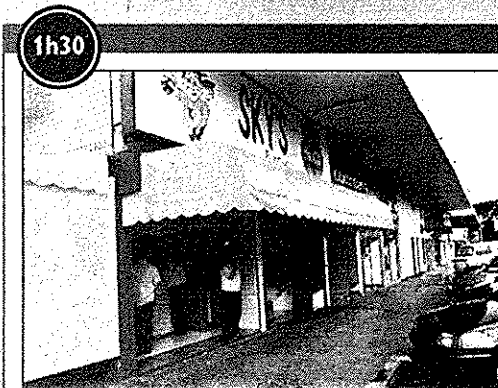
A VERSÃO DE G. J.



20h30
18 de abril, sexta-feira
Max Rogério Alves sai da SQS 111 (foto) para pegar sua namorada C.M. na SQS 304. Ele está em um Honda Civic. Os dois voltam para a casa de Max. Pouco antes da 1h, ainda no Civic, ele volta à SQS 304 para deixar a namorada. Daí segue para a SQS 204, onde mora seu padrasto, troca o Honda por um Audi A4 e vai ao Centro Comercial Gilberto Salomão.



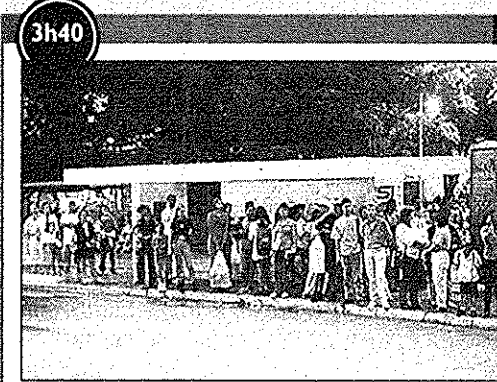
0h30
19 de abril, sábado
No bar Ministério do Chopp (foto), localizado no centro comercial Gilberto Salomão, Lago Sul, Max encontra Antonio Novely Cardoso de Vilanova, Tomás Oliveira de Almeida, seu irmão G., Eron Chaves de Oliveira e um rapaz chamado Otávio. Ficam no local até a 1h30, pouco depois da chegada de Max.



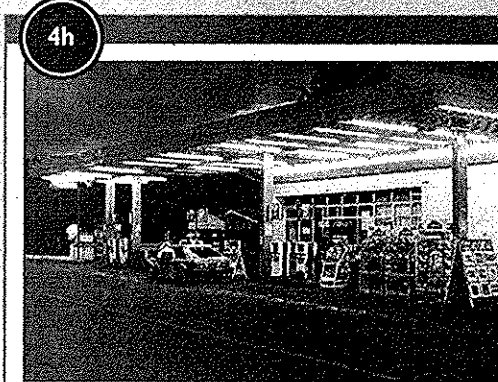
1h30
19 de abril, sábado
O grupo vai para a lanchonete Sky's (foto), na CLS 312, e ali fica por 40 minutos. Otávio dirige um Fiat Tipo. Antonio, está no Fiat Uno, com Tomás. Max, no Audi A4, está com G. e Eron. Eron deixara seu VW Gol no estacionamento do centro comercial. Otávio decide ir para casa. Os demais saem querendo mais um programa e achar o que fazer pela cidade.



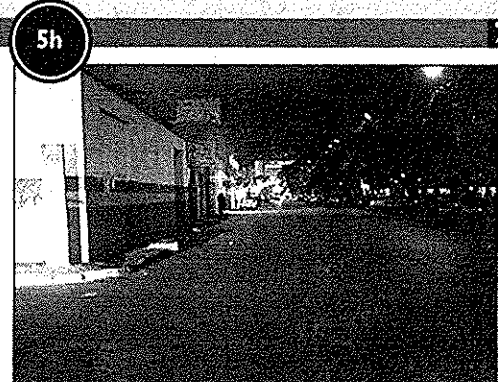
2h40
19 de abril, sábado
Decidem passar pela quadra 204 Sul (foto), onde mora o padrasto de Max. O Audi A4 fica na garagem. O Fiat Uno de Antonio fica no estacionamento. O grupo entra no GM Monza preto da mãe de Max e voltam ao Gilberto Salomão para que Eron pegue seu VW Gol. O Gol vai também para o estacionamento SQS 204.



3h40
19 de abril, sábado
De novo no Monza, os cinco seguem para a W3 e passam em frente à parada de ônibus (foto) entre as quadras 703 e 704, avistando uma pessoa dormindo. Julgam ser um mendigo. Max está ao volante. Ao seu lado, Antonio. Um dos dois propõe um susto na pessoa, usando fogo. Apenas Tomas não se manifesta, os demais aceitam a ideia como "brincadeira".



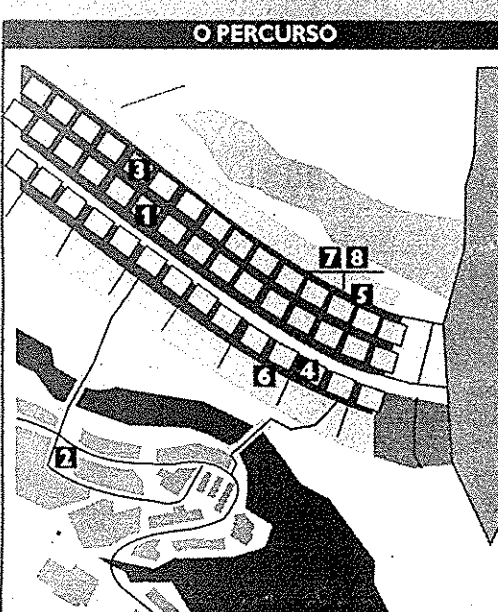
4h
19 de abril, sábado
Os cinco seguem para SQS 405 e compram álcool combustível em um posto de gasolina (foto). Lavam uma garrafa de óleo lubrificante vazia e improvisam um vasilhame para levar o álcool. Pagam com moedas e uma cédula de R\$ 1.



5h
19 de abril, sábado
Voltam no Monza até o trecho da W3 Sul onde o homem continua dormindo. A parada de ônibus está vazia. Estacionam o carro na W2 Sul (foto). Vão a pé até o homem e despejam álcool e vários fósforos acesos no índio.



5h15
19 de abril, sábado
As chamas despertam a atenção de outros motoristas, que tentam salvar o homem. Um deles anota a placa do Monza (foto). Depois da agressão, todos retornam à SQS 204. Eron vai para casa em seu VW Gol. Antonio faz o mesmo em seu Fiat Uno. Max usa o Honda Civic para deixar os irmãos Tomas e o menor G. em casa. O grupo é descoberto graças à placa anotada do Monza.



Dois salários para a família

Um projeto apresentado ontem na Câmara Legislativa pretende compensar, pelo menos financeiramente, a família do índio pataxó Galdino José dos Santos. Se for aprovado, o projeto vai garantir uma pensão de dois salários mínimos mensais para a família. Quem pagará a pensão é a Secretaria da Criança e Assistência Social. "Cabe ao Distrito Federal zelar pela segurança do cidadão mormente do índio que goza de proteções especiais do Estado. Essa pensão traria o mínimo de conforto a essa família", explicou o deputado Luiz Estevão (PMDB), autor do projeto. Segundo ele, o benefício seria pago pelo tempo de vida útil de Galdino, a ser definida com a regulamentação da lei.



DEBATE

OS MENINOS DE BRASÍLIA

Debate revela a perplexidade entre jovens e mostra que muitos preferem culpar a família, a sociedade e o sistema

Tânia Fusco
Da equipe do Correio

A impunidade constante incentiva os jovens de Brasília a praticarem atos criminosos. Mas a justiça agiu bem em não condenar o jovem Fabrício Klein que, no ano passado, atropelou e matou um pedestre. Os cinco meninos que queimaram o índio Galdino também não devem cumprir pena de prisão. Como Fabrício, devem receber penas alternativas. "Eles não são bandidos", argumenta Adriano, 21 anos, morador da Asa Sul, estudante de Direito.

Já os policiais que extorquiram, torturaram e mataram em Diadema (SP), devem ser condenados à prisão, com penas longas. "Porque eles já estão tão deformados", argumenta André, 23 anos, também estudante de Direito.

As duas teses tiveram apoio da maioria dos 30 jovens — meninos e meninas, de 16 a 25 anos — que, na noite de segunda-feira, dia 21, parti-

ciparam de um debate informal na casa do senador José Roberto Arruda pai de seis filhos adolescentes, três dos quais — Karina, de 18 anos, Bruna, de 19, e Marcos, de 16 — participaram da conversa. A violência cometida naquela madrugada contra o índio Pataxó motivava o encontro.

Na conversa emocionada, da qual participavam cinco garotos que conheciam e conviviam com os jovens assassinos de Galdino, surgiu o esboço do universo onde vivem os meninos do Plano Piloto de Brasília.

A violência é presença habitual dos momentos de lazer. "Quando não sai briga numa festa, num show, ou no Gilberto Salomão é que a gente comenta," disse José Antonio, 24 anos. "Num show em Fortaleza, teve uma briga. O cara parou o show e falou: Como é que pode, cheio de mulher bonita e vocês se agarrando pra brigar. Parece até show em Brasília... Por que aqui é assim mesmo. Show de música baiana, então, tem muita briga. É normal. O cara sai pra arrumar confusão mesmo. É a curtição.

Ah, isso é direto. É o padrão", emenda Maia 17 anos.

OS NADA

Mendigos, prostitutas, travestis, bêbados são considerados "um nada", servem como material para brincadeiras de fim de noite. "Jogar garrafas nas prostitutas e travestis do Setor Comercial Sul é brincadeira normal das madrugadas de fim de semana", conta Alexandre, de 20 anos.

A juventude dourada de Brasília, essa que vive no Plano Piloto, tem carro, boa mesada e vida fácil, não tem preconceito de raça, ou de cor. Tem, e muito forte, o preconceito de classe social. Distingue as pessoas, principalmente, por onde moram. E não gosta de se relacionar com os que chamam pejorativamente de "satélites" — moradores das cidades que cercam o Distrito Federal. "Conheço gente que deixou de na-

morar um garoto que gostava, porque ele era do Guará", conta Bruna, de 19 anos.

Só no meio do debate os meninos souberam que havia um jornalista entre eles. Não se inibiram, falaram livremente — muito de sua perplexidade com o acontecimento. "Eles eram normais. Gente boa. Poderiam estar aqui", lamentava uma das amigas de Novelty, que não quer ser identificada.

No grupo com maioria de moradores do Plano Piloto — apenas quatro eram das cidades de Brasília: Guará, Núcleo Bandeirantes e Taguatinga — a perplexidade vinha principalmente do grau de violência praticada por "iguais" — da mesma classe social, mesmas escolas, mesmo modo de vida.

Vida que eles, admitem, tem componentes fortes de vazio, ausência dos pais e violência cotidiana. "A

imaturidade não é a causa dessas atitudes violentas. Não justifica. Eu acho que a causa é, principalmente, a falta de sentimento humano", frases assim pontuaram o debate, onde também foi marcante o espírito de corpo ou, no caso, de classe.

Sabem o que está errado, discutem as causas, mas querem punições distintas para os bem criados e para os mais rudes. Defenderam, sem cerimônia, cadeia para os segundos, penas alternativas, de prestação de serviços sociais para os primeiros — os iguais.

Todos também apontaram a impunidade como causa principal da violência constante e crescente entre os jovens brasileiros. "Tem a questão da oportunidade — deu vontade, ele vai e faz, sem pensar nas consequências — e da falta de limite. A gente é uma geração que recebe muito poucos não. Pode tudo."

Mas, num primeiro momento, ninguém ousou levantar a mão quando a pergunta era sobre se os meninos assassinos do ín-

dio Galdino mereciam pena pesada de cadeia. Muitos indagavam dos poucos que defendiam essa punição: "E se fosse o seu irmão? Você acha que cadeia recupera alguém? Eles não são bandidos?..."

Chocados com o acontecimento daquela madrugada, os meninos também expuseram suas queixas e carências — faltam objetivos de vida, há muito ócio, há pouco diálogo com os pais, pouco cobrança, pouca orientação, e nenhuma punição para o mal feito. "Rola tudo muito frouxo, muito solto", cobraram.

Narraram pequenas e grandes violências presentes no seu cotidiano — brigas, agressões gratuitas, indignidades com os que estão à margem da sociedade, particularmente com os mendigos. E aprovaram a sentença de Marcelo, 25 anos, estudante de Administração:

"Vamos para o real, esse tipo de violência acontece, pode acontecer em qualquer lugar. Mas aqui em Brasília é muito mais frequente. Tem mais violência mesmo na juventude."



fotos Zuleika de Souza

UM ESTÁGIO A

MAIS DO ABSURDO

"As pessoas, a família, podem até dizer: isso está errado, não vá por aí... Mas, a repressão é fraca, corre tudo muito solto. Quando você não se convence, você continua seguindo em frente. E pode chegar a uma barbaridade, como essa de queimar um ser humano." "Eles estão buscando é a emoção da coisa. Ele começa a fazer desde pequeno — maltrata um animal, assusta mendigos, gente em ponto de ônibus, sacaneia as prostitutas e travestis no Setor Comercial Sul. Faz coisas pequenas e vê que não aconteceu nada. E acaba chegando num nível que, pra gente que não está acostumado com isso, é uma coisa totalmente absurda. Pra ele, é só mais um estágio do que vinha fazendo sempre."

É GENTE QUE TEM TUDO

"Não é gente que vive na miséria, que vive na pobreza. É gente que tem tudo. E vive esse ócio. Não é só a mente vazia, é falta de produtividade em si. A partir do momento em que a pessoa faz alguma coisa de produtiva, ela começa a dar valor nas coisas, a respeitar mais os outros também. Saber o valor das coisas que tem. Você passa a ver o mundo com outros olhos. Não recebe tudo pronto. Isso é que cria esse vazio do ócio."

NÃO SÃO OS ÚNICOS QUE PODERIAM MATAR

"A diversão do brasileiro hoje, como não tem muito o que fazer, é o Gilberto Salomão. Então, junta todo mundo lá. Agora, a gente tem que parar para pensar. É um absurdo essa violência. Dois anos atrás, todos os finais de semana tinha tiro no Gilberto Salomão. Todo final de semana saía tiro. Até quando as pessoas chutavam latas de lixo para parecer com tiro todo mundo saía correndo." "Eles não são os únicos que podiam matar um mendigo, porque todo mundo em Brasília age mais ou menos igual. Tem preconceito de classe social mesmo. Então, um mendigo é um nada. Tem muita gente que pensa assim. Tem muita gente que sai doído do Gilberto Salomão de madrugada e vem jogar garrafa, pedra, água nas prostitutas e travestis do Setor Comercial Sul. E sacaneia mendigo dormindo na rua também. É o padrão."

BEBIDA, A MAIOR DAS DROGAS

"Existe um grande debate contra a maconha, e uma série de outras coisas. Mas ninguém fala da bebida. Aqui no Brasil o pessoal acha um absurdo que, nos Estados Unidos, a bebida seja proibida para gente da nossa faixa etária. Lá, é proibido até os 21 anos. Antes de 21, ninguém



Um grupo de 31 jovens discutiu o problema dos adolescentes em Brasília e concorda que há apartação social e falta de opções de lazer, mas que nada disso justifica atos como o do último domingo

A RUA COMO PROFESSOR



"A família está passando a responsabilidade da educação — no sentido mais amplo — para a escola. E a escola não dá conta dessa responsabilidade. Você sabe onde é a China, onde é o Japão, o que que eles comem, o que que eles fazem, mas você não tem a educação comple-

ta — humanista, de princípios morais, de solidariedade. Se os pais não aprenderam esses valores, como é que eles vão passar para os filhos deles? É lógico que quem educa mesmo são os pais. Quando eles não fazem isso, quem vai fazer? A rua?" Maia, 17 anos

bebe. A bebida é a maior das drogas e é a mais acessível. Hoje em dia, o jovem começa a beber com dez, 11 anos de idade. Nessas festas juninas de escola você costuma ver muito isso. Então, tem uma empolgação, você vai bebendo e, bêbado, pode fazer muita coisa que não faria normalmente." "Quando a gente está alterado, fora de si, qualquer coisa pode

acontecer." **PRECONCEITO CONTRA OS DA SATÉLITE** "A gente não tem preconceito de cor, nem de raça. Tem é preconceito social. Os do Plano Piloto não se misturam com os da satélite. Tem

até vergonha de namorar. Se namora, esconde." "Há mesmo uma apartação, aumenta o preconceito. Eu tenho minha casa, eu tenho meu teto, que se danem eles. A gente conhece muitas pessoas que pensam assim. Assim, pedidor de esmola, índio, pobre é um nada."

GERAÇÃO NÃO SABE O QUE É SOLIDARIEDADE

"A nossa geração é uma geração alienada mesmo, não sabe o que significa solidariedade humana. É alienada política e sociologicamente. As pessoas não têm uma preocupação com quem está do outro lado — que não tem recursos, que é de outra classe social. Ele não é um igual, que se dane." "A UnB, por exemplo, é uma faculdade federal, paga com o dinheiro da sociedade. Eu não conheço gente de lá que pense: 'Vou prestar um serviço à sociedade com o meu trabalho'. Todo mundo quer é ganhar muito dinheiro com a sua profissão. Muito pouca gente tem alguma preocupação social. Nas outras escolas é pior ainda..." "É tudo assim. É violência na TV, no cinema. Olha a música que você ouve: pega ela no meio, mete em cima, mete em baixo... É tudo assim... Fica difícil ter um bom papo, trabalhar para melhorar as coisas. A gente sente falta de alternativas. É carente disso, claro. Tá todo mundo muito isolado, muito egoísta. Ninguém pensa no outro."

DEBATEDORES

- Diogo, 22 anos**, morador do Núcleo Bandeirantes, estuda Administração de Empresas na UDF
- Oswaldo, 22 anos**, morador da Asa Sul, estuda Direito na UnB
- Priscila, 18 anos**, moradora do Lago Sul, estuda Administração de Empresas na UnB
- Juliana, 18 anos**, moradora do Lago Sul, faz cursinho para Medicina
- Carol, 17 anos**, moradora do Lago Sul, faz o 3º ano do 2º grau no Marista
- André, 23 anos**, morador da Asa Sul, estuda Direito no Ceub
- Bruna, 19 anos**, moradora da Asa Sul, estuda Direito no Ceub e Sociologia na UnB
- Marcelo, 22 anos**, morador do Guará, estuda Administração de Empresas na UDF
- Leonardo, 21 anos**, morador da Asa Sul, estuda Direito no Ceub e Ciências Políticas na UnB
- Adriano, 21 anos**, morador da Asa Sul, estuda Direito no Ceub
- Marcos, 16 anos**, morador da Asa Sul, faz o 3º ano do 2º grau no Marista
- Karina, 18 anos**, moradora do Setor Octogonal
- Silvia, 19 anos**, moradora da Asa Sul, estuda Economia na UnB
- Cristiana, 19 anos**, moradora da Asa Sul, estuda Economia na UnB
- Alexandre, 20 anos**, morador da Asa Sul, estuda Direito na UnB
- Carla, 21 anos**, moradora do Setor Sudoeste, estuda Direito na UnB
- Cristian, 22 anos**, morador do Lago Norte, trabalha e estuda
- Alexandre, 22 anos**, morador da Asa Sul, estuda História no Ceub
- José Antonio, 24 anos**, morador do Lago Sul, estuda Economia na UnB
- Flávio, 18 anos**, morador da Asa Norte, faz cursinho
- Renata, 18 anos**, moradora da Asa Norte, faz o 3º ano do 2º grau
- Camila, 17 anos**, moradora da Asa Sul, faz cursinho
- Eduardo, 21 anos**, morador da Asa Sul
- Marcelo, 25 anos**, morador de Taguatinga Sul, estuda Administração de Empresas na UDF
- Maia, 17 anos**, moradora do Lago Norte, faz o 3º ano do 2º grau
- Rodrigo, 18 anos**, morador do setor Octogonal, estuda Economia na UDF
- Raquel, 17 anos**, morador do setor Octogonal, faz cursinho
- Tiago, 16 anos**, morador do setor Octogonal, faz o 3º ano do 2º grau
- Michele, 18 anos**, moradora do Cruzeiro, faz cursinho
- Fátima, 17 anos**, moradora do Guará, faz o 3º ano do 2º grau

Resultado de uma educação sem limites

Para psicólogos, a "brincadeira" que acabou na morte do índio pataxó foi causada pela liberdade excessiva dada aos adolescentes

Arlete Salvador
Da equipe do Correio

São Paulo — Psicólogos e autoridades policiais têm duas explicações para o assassinato bárbaro do índio pataxó por jovens da classe média de Brasília — falta de limites na educação e a impunidade. Os assassinos brasileiros fariam parte de uma geração de adolescentes criados com liberdade total, sem responsabilidades e sem limites dentro de casa e na sociedade.

Tudo lhes foi permitido e autorizado. "Eles parecem ter sido crianças que puderam fazer tudo sem reprimendas dos pais e, por isso, não sabem até onde ir com suas brincadeiras", afirma a psicóloga Rosely Sayão, especializada em adolescentes. Segundo

ela, fica evidente que os jovens assassinos do índio pataxó não tinham idéia das conseqüências de seus atos nem estavam preparados para assumir as responsabilidades de suas atitudes. "Esses jovens não aprenderam a viver em sociedade."

Essa falta de limites, acrescenta Rosely, não vem só dos pais, mas de algumas escolas e também da sociedade. A permissão para dirigir antes dos 18 anos, o que é proibido por lei, por exemplo, é amplamente aceita na sociedade. "Essa permissão, aparentemente pequena, leva os jovens a acharem que não há problemas em burlar a lei, qualquer lei", expli-

ca. "Se é permitido dirigir sem carta, é permitido atravessar sinal aberto, atropelar, matar e fugir." O que mais chama a atenção de Rosely é que os jovens de Brasília, apesar de estarem entrando na vida adulta, apresentam comportamento de crianças. "Só crianças não têm a noção do perigo e do risco que é atear fogo em alguém", lembrou. "Na idade deles, essa noção já deveria existir."

Para outro especialista em adolescentes, o psicólogo Içami Tiba, a falta de limites familiar é agravada pela falta de punição para crimes cometidos por jovens da classe média alta. Ele lembra o caso do filho do ex-ministro dos Transportes, Odacyr Klein, que atropelou e matou uma pessoa no trânsito e fugiu. O rapaz nem sequer foi levado

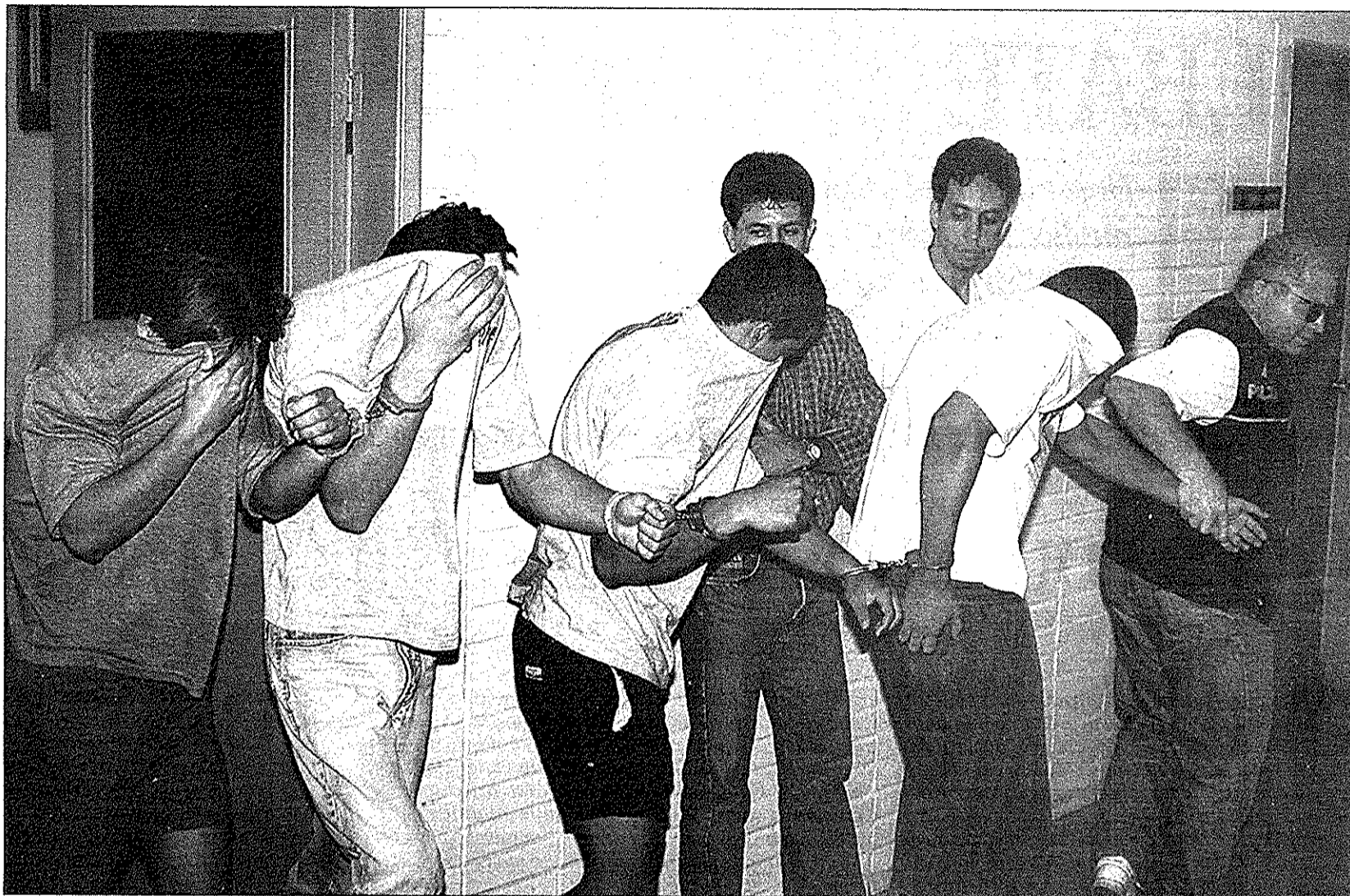
a julgamento. "Esses casos reforçam a idéia de que aos poderosos tudo é permitido e perdoado", entende Içami. Segundo ele, essa idéia é particularmente forte em Brasília, onde vivem pessoas ligadas ao poder e à autoridade e onde o tradicional "você sabe com quem está falando?" ainda é muito forte. "O crime de Brasília é a prova concreta de um comportamento sem limites, sem ética ou responsabilidades", afirma Içami Tiba.

CONVITE AO CRIME

O delegado Ivaney Cayres de Souza, do 78º Distrito Policial de São Paulo, que fica no bairro mais bada-



Ronaldo de Oliveira 20.4.97



Liberdade demais e limites de menos: segundo psicólogos, falhas na educação podem explicar crime cometido pelos cinco jovens que atearam fogo ao índio Galdino

lado da cidade, os Jardins, está acostumado a crimes como o cometido contra o índio pataxó. Segundo ele, quando assumiu o distrito policial, há três anos, as principais ocorrências eram cometidas por jovens ricos e mimados. Havia gangues de moto destruindo vidraças de lojas e de carros com correntes de aço, tirando racha, brigando e fazendo bagunça nas ruas. O que poderia pare-

cer pura "brincadeira" mais de uma vez acabou em morte e agressões violentas.

"Fiquei assombrado com a deseducação desses jovens que tinham tudo e se divertiam agredindo outras pessoas na rua", comentou. Segundo o delegado, o índice de selvageria só diminuiu quando a polícia apertou o cerco contra os badrneiros. "Combatendo os chamados cri-

mes pequenos, como dirigir embrigado e provocar arruaça, evitamos que os jovens se tornem assassinos", explica.

Para ele, casos graves como o que aconteceu em Brasília em geral são o ápice de pequenos delitos que vinham sendo cometidos há bastante tempo e ignorados pela família e pelas autoridades. A experiência do delegado com adolescentes ricos e

infratores mostra que, habitualmente, os pais se recusam a acreditar que os filhos, quando soltos com um carro na rua, transformam-se em monstros. "O que eu vejo são pais perdoando os filhos e até procurando justificativas para as suas atitudes", conta. "Comportamentos como esse é que levam a casos graves, quando já é tarde demais para orientações."

Extintor de incêndio em vez de fogo

São Paulo — Ao discutir a tragédia dos jovens que atearam fogo no índio Galdino de Jesus com um grupo de adolescentes, a psicóloga Sônia Hueb ficou chocada quando eles disseram que a prática de vandalismo por grupos de garotos é recorrente em Brasília. "Os jovens disseram que os garotos agiram errado com o índio porque deveriam ter usado o extintor de incêndio, e que se faz muito isso em Brasília. Eles saem em grupo à noite e cometem atos cruéis com a certeza de que nada lhes acontecerá" — disse a psicóloga.

O excesso de regalias, a falta de limites impostos pela família, escola e sociedade, a vontade de chamar atenção e a perda de valores como a solidariedade também

são apontados como fatores que levam os jovens a agir com crueldade.

Sônia Hueb acredita que nas grandes cidades, onde pais abastados não têm tempo de cuidar dos filhos, a responsabilidade é transferida para escolas e psicólogos. Esses pais não têm coragem de punir excessos por sentimento de culpa devido a sua ausência cotidiana.

"O jovem que pratica um ato cruel participa de um processo fantasioso. Ele acha que não há punição, que pertence a uma elite econômica e cultural, a elite do poder. Crianças e adolescentes ficam muito atentos aos atos e à impunidade nas famílias mais abastadas. Não distinguem o que

é fantasioso, não têm noção de limite", observa Sônia Hueb.

Para a psicanalista Graça Pizá, diretora da Clínica da Violência, no bairro carioca de Ipanema, instituição especializada em tratar pessoas vítimas de crueldades, os jovens que imolaram o cacique pataxó Galdino Jesus dos Santos causando a morte mais cruel de que se tem notícia de um índio brasileiro nos últimos tempos agiram pelo prazer de uma aventura e movidos pelo desejo, sem levar em consideração os valores mínimos da condição humana.

A jornalista Valéria Velasco, que perdeu o filho Marco Antônio Velasco, espancado até a morte por um grupo de cinco rapazes de Brasília, diz que a certeza da im-

punidade originada na mais alta esfera do poder da cidade influencia o comportamento dos jovens da capital. "Falta rigor na punição de crimes em Brasília. O garoto sabe que pichar é contra a lei, mas ninguém faz nada para corrigir. Então, ele cresce com o sentimento de que pode tudo, desde pichar até matar. O jovem segue modelos que vê no poder e esse modelos têm uma influência negativa", avalia Valéria Velasco.

O psicólogo Gilson Martins discorda que a violência seja restrita a uma classe social ou idade. Ele diz que tudo está relacionado a situações de violência nas relações familiares e também com o momento político, que não oferece perspectivas para os jovens.

BRASIL

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quinta-feira,
24 de abril de 1997

9

EDITOR: Kido Guerra. SUBEDITORES: Renato Ferraz e Cláudia Bensimon. TELEFONE: (061) 342-1171/1172. FAX: (061) 342-1155. E-mail: brasil@cbdata.com.br

PATAXÓ RETOMAM A TERRA

ANÁLISE DA NOTÍCIA

INSATISFAÇÃO JÁ É ANTIGA

A crise entre o presidente da Funai, Júlio Geiger, e os índios Pataxó tem origens mais antigas do que a morte do cacique Galdino de Jesus Santos. Geiger é mentor de plano de reestruturação que prevê o fechamento de administrações regionais do órgão, o enxugamento de pessoal e o fim de muitas regalias, como o pagamento de diárias para índios que iam a Brasília.

Até junho do ano passado, a Funai tinha uma estranha tabela de pagamento para estada e trânsito de índios em Brasília: R\$ 250 para caciques, R\$ 200 para "vice-caciques", e de R\$ 50 a R\$ 100 para guerreiros. Um funcionário do órgão lembra que, por causa disso, os índios chegavam a levar nove acompanhantes a cada viagem à capital. Assim, a Funai gastava, por mês, cerca de R\$ 300 mil com esse tipo de pagamento.

Da parte dos índios, Geiger é acusado de autoritário e vaidoso. Ano passado, chegou a ser agredido e, em represália, permitiu a entrada da PF, no mês passado, para retirar — à força — representantes da mesma tribo que haviam ocupado seu gabinete.

Alia-se a isso a disposição de Geiger de modificar a estrutura que abriga, entre seus 3.718 funcionários, 1.050 índios-servidores. O presidente do órgão também comprou uma briga com os servidores que trabalham nas administrações regionais que não podem mais usar um velho procedimento burocrático para gastar mais: lançar mão das chamadas "despesas emergenciais" sem justificativa prévia. Por ordem de Geiger, as emergências terão que ser submetidas ao conceito da lei antes de liberadas.

O ex-ministro da Justiça, Nelson Jobim, deu carta branca para Geiger implementar seu plano de reestruturação porque, com base nas informações passadas por ele, foi convencido de que a política indigenista está obsoleta.

Índios ocupam cinco fazendas no sul da Bahia em área que pertencia a eles e tomam como refém o presidente da Funai

Luiz Alberto Weber
Enviado especial

Pau-Brasil (BA) — Os índios pataxó ocuparam na tarde de ontem cinco fazendas no sul da Bahia. Além da Paraíso, as fazendas São Sebastião, Bom Jesus, Nova Vida 1 e Nova Vida 2 também foram invadidas. Não houve violência. Também não houve resistência dos funcionários das áreas ocupadas. Alguns se refugiaram na mata. Os que ficaram não foram hostilizados.

Localizada a seis quilômetros da aldeia pataxó, em Pau-Brasil, a fazenda pertence, segundo decisão da Justiça Federal, aos índios. As cinco fazendas, porém, foram ocupadas por grileiros da região.

Os índios aproveitaram-se da presença do presidente da Funai, Julio Geiger, e do deputado federal Alcides Modesto (PT-BA), na região, para fazê-los reféns. A diplomacia da crise, porém, convencionou chamar a detenção de "convite". "Aceitei o convite de ficar", disse Geiger, que passou 36 horas em poder dos índios.

Trinta jornalistas que acompanharam o enterro do índio Galdino e o encontro de Geiger com as lideranças indígenas também foram detidos por três horas.

TORÉ

O compasso do toré (dança típica pataxó) foi o gatilho para a marcha de retomada da terra. Passava um pouco das 14h. O círculo humano formado em caso de cerimônias religiosas ou como preparativo de

guerra centrifugou os índios em direção às cinco fazendas.

Pajé da tribo, Maria Muniz — ou Nini, seu nome indígena — benzeu os guerreiros com água misturada a velas. A marcha dos 250 índios parmentados (saiotes de palha, pintados de vermelho e armas indígenas) durou quase duas horas.

Diferente da marcha dos sem-terra, a anatomia da ocupação pataxó não segue nenhuma regra. É caótica. Mulheres e crianças ora tomam a frente da caminhada ora atrasam-se até uma centena de metros. Os homens jovens, meninos, na realidade, estiveram sempre à frente da marcha.

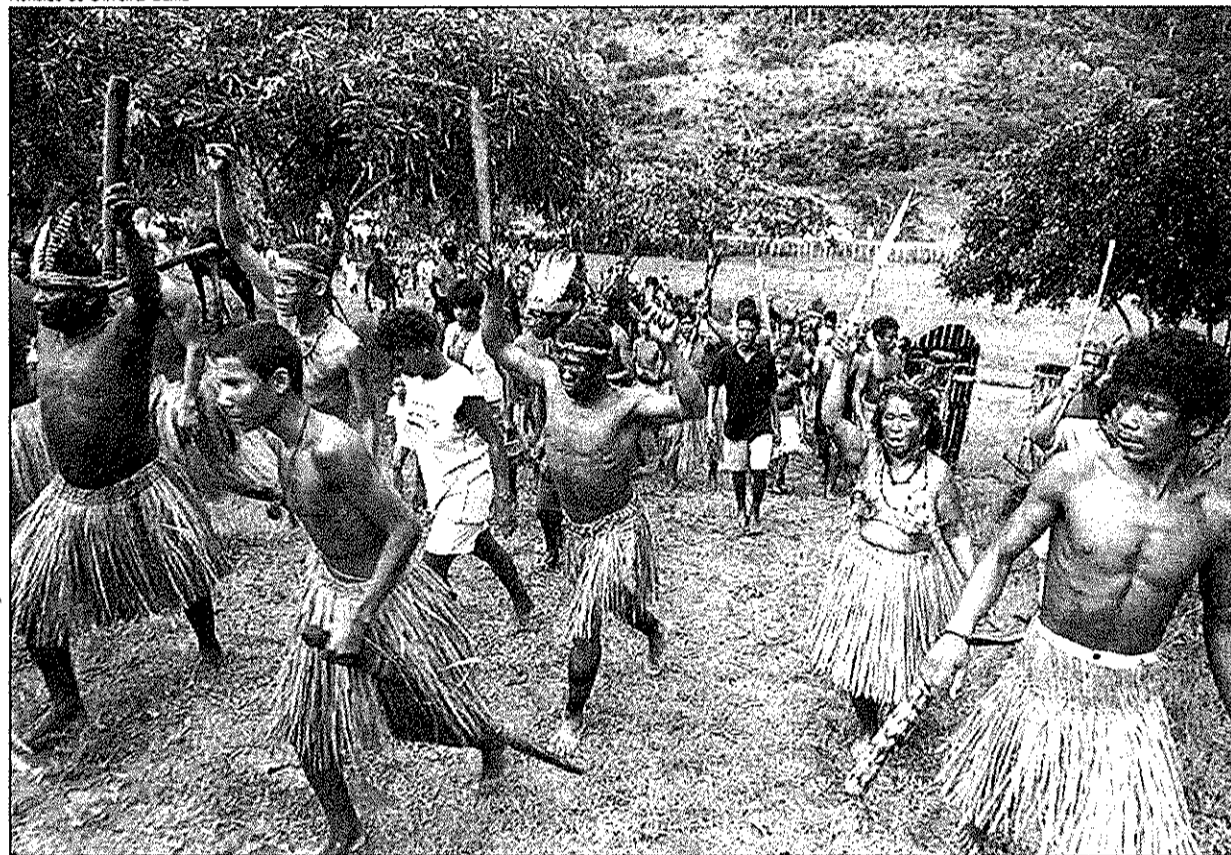
O cacique Wilson perdia-se na multidão por pura displicência. Algumas vezes, pataxós se desgarravam do grupo e abasteciam-se de goles de cachaça nas casas de taipas que margeiam a estrada. Passava um pouco das 17h quando os índios cruzaram a porteira da sede da fazenda Santa Marina.

UÍSQUE

Os pataxó invadiram a casa pela cozinha, derrubando a bordunada a porta. A área escolhida para a posse foi involuntariamente simbólica. Os pataxó passam fome e os lagos que circundam a aldeia são de água salobra. "Eles estão passando muita dificuldade", reconheceu Gaiger.

Um dos pontos negociados entre Funai e índios foi a recuperação da roçada na região e o fornecimento de água potável. Se os índios percorressem os outros cômodos da casa se certificariam de que ali morava alguém com o gosto refinado

Ronaldo de Oliveira/Bahia



Homens, crianças e mulheres pataxó invadem a fazenda Alegria pela porta de trás. Foi uma ação pacífica

dos latifundiários do cacau.

Na ante-sala, um bar exibe duas garrafas de 2,5 litros de uísque importado — um Johnny Walker Black Label e um Old Parr. Há até um dosador de vidro. Mais adiante a cerâmica limpa do chão mostra que os pataxó não invadiram a sala. A televisão, o vídeo-cassete e o som permaneceram intactos.

Fotos da família Guimarães sobre a mesa da sala (um dos sinais de propriedade do homem moderno) demarcavam um território que agora não lhes pertencia mais. Preocupados em não promover uma expropriação injusta, os índios organizaram um tosco inventário num pedaço de papel.

"Só queremos nossa terra", diziam.

À noite podiam-se ver famílias pataxó migrando ao longo da estrada para as cinco fazendas.

PISTOLEIROS

Um destacamento da Polícia Federal de Ilhéus e outro de Salvador foram deslocados até a fazenda para garantir a proteção dos índios contra o ataque de pistoleiros.

Ao todo, 19 policiais, comandados pelo delegado Rubem Patury, com pistolas e metralhadoras, farão barricadas na estrada e vigiarão as fazendas.

Chega hoje a Pau-Brasil a procuradora da Funai, Ana Machado. Ela tentará acelerar a ordem judicial

que garantirá a posse provisória da fazenda até o julgamento final do processo, iniciado pelos índios há 15 anos. Os pataxó reclamam a posse de 36 mil hectares de terra.

"Os índios se anteciparam ao mandado judicial para cumprir uma decisão da Justiça Federal irrecorrível que lhes garantia a permanência na região. O governo aprova a ação", disse Geiger, visivelmente satisfeito.

Afinal, foram 36 horas de um "convite" sem direito a recusa. No final da noite, Geiger voltou à fazenda ocupada para pernoitar. Dessa vez, levando 20 quentinhas (arroz,ombo e macarrão) e escoltado por um policial federal.

Morte de índio incendiou a tribo pataxó

Revoltados com presidente da Funai, índios o fizeram refém desde a noite de terça. Gaiger anuncia projeto para a comunidade

A morte do índio Gaudino de Jesus, incendiado em uma parada de ônibus de Brasília, foi usada pelos índios pataxó há-hã-hãe para pressionar o governo a cumprir decisão judicial de desapropriar cinco fazendas (787 hectares) no sul da Bahia em benefício da Aldeia Caramuru Catarina Paraguassu.

Três líderes indígenas primos de Gaudino pediram ontem à noite ao ministro interino da Justiça, Milton Seligman, que atue de forma a ajudar no cumprimento de determinação do Tribunal Regional Federal segundo a qual as fazendas devem ficar na posse dos pataxó.

"Se a Fundação Nacional do Índio quis tutelar um morto (referência ao corpo de Gaudino que demorou a ser liberado para a família), por que é que ela não tutela os que estão vivos também?", reclamou Gerson Pataxó.

Mesmo depois de Seligman ter dito que os 787 hectares de terra seriam deles e que o ministério mandaria reforços policiais para evitar a investida dos pistoleiros e grileiros, os índios mantiveram-se desconfiados. "Vamos ficar de olho", prometeu Gerson, o cacique Samado dos Santos Pataxó e a índia Maura Titia.

Na Bahia, o presidente da Funai tentou acalmar os índios pataxó. Júlio Gaiger avisou que o deputado Alcides Modesto (PT-BA) e o advogado dos índios, Waldir Farias de Mesquita, foram para Ilhéus tentar conseguir, com o juiz federal titular da vara única da cidade, Antônio Ezequiel, "o mais rápido possível", o despacho de execução da ordem do Tribunal Regional Federal de Brasília.

É o que falta para que os índios recebam finalmente a posse da terra e possam ter mais espaço para viver. "Sofremos desde 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil", disse Gerson Pataxó.

Para o presidente da Funai, os índios já fizeram a parte mais difícil: ocuparam as cinco fazendas, que

equivalem aos 787 hectares. "Agora o juiz não tem saída. Só pode fazer uma coisa, despachar."

Dezenove policiais federais permanecerão nas cinco fazendas que os índios ocuparam por tempo indeterminado. "Eles estão aqui para proteger os índios", informou o presidente da Funai. A Polícia Federal está ajudando a fazer o inventário para levantar o que há na Fazenda Paraíso, a primeira a ser ocupada, e eximir índios, policiais e Funai de responsabilidades.

CONDENADO
No fim do dia, Júlio Gaiger poderia ter embarcado para Brasília mas voltou à fazenda porque não havia condições de vôo. "Estou condenada a ficar com esta calça e este par de sapatos", brincou, com a roupa suja de lama.

Segundo Gerson Pataxó, no entanto, a situação não é tão calma. Os pataxó estariam insatisfeitos com Gaiger e ele estaria refém dos índios desde terça-feira. A lama no corpo dele, por exemplo, teria a ver com um tombo levado durante "tentativa de fuga da comunidade". Gerson diz que os índios queriam que Gaiger os acompanhasse em cada fazenda para ajudar diretamente na tomada das terras.

O presidente da Funai negou ter sido refém dos índios desde terça-feira, como os pataxó diziam, e preferiu apresentar novidades. Ele anunciou que o governo está elaborando plano assistencial de emergência para os 1.723 índios que vivem na aldeia Caramuru Catarina Paraguassu. Hoje os pataxó estão distribuídos em 1.079 hectares, mas vivem na pobreza, sem água e sem condições de plantar.

O novo projeto reunirá recursos de várias Pastas para atender, "o mais rápido possível", a prioridades que serão definidas hoje, em Brasília, por Gaiger e os representantes da aldeia, que já se encontram na cidade.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

AS NAÇÕES INDÍGENAS EM 1500

- 1 - Aruaque
- 2 - Cariri
- 3 - Caribó
- 4 - Pano
- 5 - Tupi-Guarani
- 6 - Gê
- 7 - Tucano
- 8 - Charrúa
- 9 - Outros

HÁ 500 ANOS...

5 milhões
de índios ocupavam as terras que se chamariam Brasil

DOMÍNIO
Além do uso da força, usada para escravizar os índios, a religião funcionou como principal elemento de dominação. O padre jesuíta Anchieta (foto) chegou a elaborar uma gramática tupi para que fosse possível a catequização dos índios. Nos rituais de dança, os europeus foram, aos poucos, substituindo os instrumentos indígenas pelos órgãos e outros instrumentos do "mundo civilizado". No teatro, também foram introduzidos, aos poucos, histórias de santos e temas bíblicos.

O CICLO DO EXTERMINIO

OURO
No ciclo do ouro, durante o século dezoito, os povos da região meridional de Goiás e Triângulo Mineiro sofreram o primeiro impacto. Desaparecimento dos Cayapós.

PECUÁRIA
Criadores de gado expulsaram os Timbiras no Maranhão e ocuparam terras no centro-oeste em conflito com Xavantes e Cayapós.

MINÉRIO
Os paulistas avançando para o noroeste do Brasil enfrentam os Kaingang.

AGRICULTURA
Colonos alemães e italianos combatem os Xokleng.

MADEIREIRAS E HIDRELÉTRICAS
Seringueiros, medeiras, posseiros de assentamentos rurais mal estruturados mais a construções de rodovias entram em conflito direto com a imensa população de povos indígenas da Amazônia.

MAO DE OBRA
No início, os colonizadores precisavam deles para extrair o pau-brasil, defender o território recém-descoberto e aprender melhor a geografia. Não se adaptaram ao trabalho mais pesado e rebelaram-se como mão-de-obra escrava.

OS PATAXOS NA LUTA PELA TERRA

Em 1936, no estado da Bahia, o governo local distribuiu para fazendeiros títulos de lotes na terra dos Há-Hã-Hãe, que somava 36 mil hectares. Os cerca de 2 mil pataxó Há-Hã-Hãe foram expulsos de sua área no final da década de 30. Em 1982, retomaram a fazenda São Lucas, de 1.200 hectares, e em julho daquele ano, a Funai entrou com ação declaratória considerando inválidos os títulos da terra. Em 1993, os Há-Hã-Hãe retomaram as áreas de mais cinco fazendas (1.079 hectares) na região Caramuru/Paraguassu, em busca de água potável. A justiça estadual concedeu liminar expulsando os índios, mas o Tribunal Regional Federal manteve a posse dos Há-Hã-Hãe. A briga foi parar no Supremo Tribunal Federal, que dará a decisão final sobre a posse e demarcação das terras Caramuru/Paraguassu.

RITUAL DA MORTE
No funeral tradicional dos pataxó, os mortos são envolvidos em uma esteira de palha durante a cerimônia. Após o velório, o corpo é conduzido à cova.

AS TENTATIVAS DO ESTADO

O Serviço de Proteção aos Índios-SPI foi criado em 1910 em uma tentativa do Estado brasileiro administrar a questão. Era reconhecido o direito às tradições, proibia-se o desmembramento da família indígena e garantia-se a posse coletiva. Sob forte pressão de fazendeiros o SPI é extinto em 1967 para nascer a Funai-Fundação Nacional do Índio. Hoje os conflitos continuam principalmente na questão da demarcação das terras indígenas.

POPULAÇÃO ATUAL
Calcula-se em **325 mil** índios o total da população no Brasil.

85% das 555 áreas indígenas enfrentam problemas com invasões de posseiros, garimpos e madeiras. Provocando contaminação do ambiente, suicídios e degradação entre os povos indígenas.

Hoje, eles ocupam **11,13%** do território o que significa 94.788.222 ha. (dados de 1995)

Estado com maior população é o Amazonas com **89 529** índios

87 povos desapareceram na primeira metade do século.

SUICÍDIO
Em setembro de 1995 foram divulgados 36 casos de suicídio entre os índios guaranis confinados em 22 aldeias de Mato Grosso. Em 94 foram 24 casos. Nos últimos dez anos foram 183 casos.

A disputa pela terra é a principal causa do assassinato de índios. Entre 1992 e 1994 o número saltou de 14 para 30 homicídios, no último levantamento da Coordenação de Defesa dos Direitos Indígenas.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

RETIFICAÇÃO
Retificação do edital, que tem por objeto a Reforma da Agência Brasília/BR, publicado no jornal Correio Brasiliense do dia 22/4/97. Onde se lê **Aviso de Licitação-Tomada de Preços nº 033/97**, leia-se **Aviso de Licitação - Convite nº 033/97**.

COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO

SECRETARIA DE FAZENDA E PLANEJAMENTO / CODEPLAN

AVISO DE HOMOLOGAÇÃO TOMADA DE PREÇOS Nº 006/96

A Comissão Permanente de Licitação torna pública a homologação do item da Tomada de Preços nº 006/96, cujo objeto é o fornecimento e instalação de equipamentos de informática à empresa REDISUL INFORMÁTICA LTDA, no valor de R\$ 3.500,00 (três mil e quinhentos reais).
Brasília-DF, 24 de abril de 1997.

REGIS WERKHAUSER ESCALANTE
Presidente

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO DISTRITO FEDERAL

AVISO Nº 018/97-DE/DGA/DRH/DP

POSSE DE CONCURSADOS

A FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO DISTRITO FEDERAL - FEF, convoca os candidatos aprovados em concurso público, nomeados, inscritos com datas de posse marcadas, para comparecerem ao Centro Educacional - CAN, situado à SGAN 610 Área Especial - Avenida L2 Norte, com vistas ao ingresso no cargo efetivo, conforme cronograma abaixo:

CRONOGRAMA

DIA 23.04.97 (quarta-feira)
08h - Professores com posses marcadas para os dias 22, 23 e 24/04/97.
13h30 - Professores com posses marcadas para os dias 25, 26 e 28/04/97.

DIA 24.04.97 (quinta-feira)
08h - Professores com posses marcadas para os dias 29 e 30/04/97 e 02 e 05/05/97.
13h30 - Professores com posses marcadas para os dias 06, 07, 08 e 09/05/97.

DIA 25.04.97 (sexta-feira)
08h - Professores com posses marcadas para os dias 12, 13, 14 e 15/05/97.
13h30 - Professores com posses marcadas para os dias 16/05/97 a 09/06/97.

DIA 28.04.97 (segunda-feira)
08h - Professores que ainda não marcaram posse o retardatários.

GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR
O povo em 1º lugar

AVISO

A Comissão Permanente de Licitação do BRB - BANCO DE BRASÍLIA S.A. torna público o Edital de Tomada de Preços DIRAD/CPLIC nº 97/018 - Data de abertura: 09.05.97, às 09 horas - Objeto: fornecimento de material do expediente. Local de obtenção do Edital: SBS, Quadra 01, Bloco "E", Edifício Brasília, sobreloja da Agência Central, Brasília/DF, no horário de 10 às 16 horas, mediante recolhimento prévio de R\$ 3,00 (três reais), em qualquer agência do BRB, na conta 027-999.011-1.

WASHINGTON PAULO DE JESUS
Presidente da CPLIC

BRB - BANCO DE BRASÍLIA

GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR
O povo em 1º lugar

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

SUBSECRETARIA DE ARTICULAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ENTORNO DO DISTRITO FEDERAL

SECRETARIA EXECUTIVA PARA IMPLANTAÇÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL DO PORTO SECO/DF

REF. CARTA CONVITE Nº 001/97-CEL-SECIPS

PROCESSO Nº 030.000.958/97 - Contratação de empresa especializada para elaboração de estudos relacionados com a implantação da Plataforma Intermodal de Transportes e Estudo Urbanístico e Adjuvante do Complexo Industrial do Porto Seco do Distrito Federal.

Informamos as partes interessadas, que em razão de consulta formulada à CEL/SECIPS, pela AP ENGENHEIROS CONSULTORES S/C, cuja resposta está sendo efetivada, fica ADIADA para o dia 29/04/97, no mesmo horário e local, o recebimento da DOCUMENTAÇÃO e PROPOSTA, relativos à licitação acima especificada.

Brasília-DF, 22 de abril de 1997.

CÉLIO VELOZO
Presidente da CEL/SECIPS
Porto Seco

GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR
O povo em 1º lugar

ANÁLISE DA NOTÍCIA

DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS

Ronaldo Brasiliense
Da equipe do Correio

Traumatizados pela morte do cacique Galdino Jesus dos Santos, os índios pataxó há-hã-hãe, da aldeia Caramuru-Paraguassu, no Sul da Bahia, decidiram recuperar suas terras imemoriais usando a força. Invadiram, usando o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Julio Gaiger, como escudo, cinco fazendas implantadas em terras indígenas griladas.

Os pataxó cansaram de esperar que a liminar de reintegração de posse concedida pelo Tribunal Regional Federal, 1ª Região, fosse cumprida, o que exige uma face

dramática das liminares: quando o Judiciário garante a reintegração de posse para fazendeiros que tiveram suas propriedades invadidas por sem-terra, por exemplo, as polícias militares são acionadas de forma célere.

O mesmo não ocorre quando a Justiça beneficia grupos minoritários, como os povos indígenas, e o caso dos pataxó é exemplar. Afinal, eles, pataxó, foram os primeiros a ser contactados quando a expedição de Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil, em abril de 1500.

De lá para cá, os pataxó foram perseguidos, dizimados pelos colonizadores. Perderam suas terras, suas tradições e até a

própria língua. Desde a década de 20 os pataxó tentam recuperar as perdas.

O primeiro passo — com o apoio de uma liminar da Justiça — seria garantir a retomada dos 788 hectares tomados pelas cinco fazendas de cacau e gado.

Mesmo respaldados pelo Poder Judiciário, os índios se vêem agora ameaçados pela reação dos latifundiários baianos, que ameaçam invadir suas aldeias em repressália.

E mais uma vez a Funai se mostra impotente — como entidade governamental responsável pela tutela dos índios — se assegurar até mesmo que uma decisão judicial seja cumprida.

CURTAS

Protesto no Rio contra assassinato

Cerca de dez pessoas juntaram-se às Mães da Cinelândia, grupo de familiares de crianças desaparecidas que tradicionalmente se reúne em frente à Câmara de Vereadores do Rio, no Centro, para protestar contra a morte do índio Galdino Jesus dos Santos. O grupo levou para a Cinelândia três cartazes. Um deles afirmava: "Vamos aceitar que quem vem pobres no Brasil? O índio é mais importante do que um mendigo ou uma criança excluída?", em reação ao depoimento dos criminosos, que afirmaram ter ateadado fogo no índio por pensarem que se tratava de um mendigo. Dois outros cartazes falavam sobre a impunidade.

ANUNCIE NO CORREIO DA TV

TODO MUNDO VAI SINTONIZAR VOCÊ!

342-1200

AVISO

A Comissão Permanente de Licitação do BRB - BANCO DE BRASÍLIA S.A. torna público o Edital de Tomada de Preços DIRAD/CPLIC nº 97/017 - Data de abertura: 12.05.97, às 09 horas - Objeto: fornecimento do suprimento de informática. Local de obtenção do Edital: SBS, Quadra 01, Bloco "E", Edifício Brasília, sobreloja da Agência Central, Brasília/DF, no horário de 10 às 16 horas, mediante recolhimento prévio de R\$ 3,00 (três reais), em qualquer agência do BRB, na conta 027-999.011-1.

WASHINGTON PAULO DE JESUS
Presidente da CPLIC

BRB - BANCO DE BRASÍLIA

GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR
O povo em 1º lugar

AVISO

A Comissão Permanente de Licitação do BRB - BANCO DE BRASÍLIA S.A. torna público o Edital de Tomada de Preços DIRAD/CPLIC nº 97/018 - Data de abertura: 13.05.97, às 09 horas - Objeto: fornecimento de formulários planos. Local de obtenção do Edital: SBS, Quadra 01, Bloco "E", Edifício Brasília, sobreloja da Agência Central, Brasília/DF, no horário de 10 às 16 horas, mediante recolhimento prévio de R\$ 5,00 (cinco reais), em qualquer agência do BRB, na conta 027-999.011-1.

WASHINGTON PAULO DE JESUS
Presidente da CPLIC

BRB - BANCO DE BRASÍLIA

GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR
O povo em 1º lugar

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

SECRETARIA DE CULTURA E ESPORTE

FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

TOMADA DE PREÇOS Nº 001/97-CPL-DAG-FCDF

Objeto: Aquisição de material de expediente e material gráfico para atender esta Fundação Cultural do Distrito Federal. A Presidente da Comissão Permanente de Licitação torna pública a licitação.
Dia: 12.05.97, às 15 horas.
Local: Va N2 Anexo do Teatro Nacional Claudio Santoro.

Brasília-DF, 22 de abril de 1997.

KARLLA SORAYA O. GONCALVES
Presidente da CPL-FCDF

GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR
O povo em 1º lugar

AVISO

A Comissão Permanente de Licitação do BRB - BANCO DE BRASÍLIA S.A. torna público o Edital de Tomada de Preços DIRAD/CPLIC nº 97/019 - Data de abertura: 14.05.97, às 09 horas - Objeto: fornecimento de formulários contínuos. Local de obtenção do Edital: SBS, Quadra 01, Bloco "E", Edifício Brasília, sobreloja da Agência Central, Brasília/DF, no horário de 10 às 16 horas, mediante recolhimento prévio de R\$ 3,00 (três reais), em qualquer agência do BRB, na conta 027-999.011-1.

WASHINGTON PAULO DE JESUS
Presidente da CPLIC

BRB - BANCO DE BRASÍLIA

GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR
O povo em 1º lugar